

Influência das múltiplas configurações de família em várias dimensões do desenvolvimento das crianças e adolescentes

Catarina Resende Bastos

M

2022



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**INFLUÊNCIA DAS MÚLTIPLAS CONFIGURAÇÕES DE FAMÍLIA EM VÁRIAS
DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Catarina Resende Bastos

Outubro, 2022

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Carlos Gonçalves (FPCEUP)

Avisos Legais

O conteúdo desta tese reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta tese pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta tese, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção referências. A autora, declara, ainda, que não divulga na presente tese quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

A família como uma das instituições mais antigas, sofreu alterações na sua estrutura e dinâmica ao longo de toda a história, influência de fatores económicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos. Assim, não podemos olhar para o conceito de família como um conceito fixo, universal, mas sim como um conceito em mudança. Seguindo uma perspectiva sistémica, a família como sistema dentro da sociedade está em constante relação com o meio acompanhando as suas mudanças e evoluções para manter o seu equilíbrio. Surgem assim, novas configurações de família. Atualmente, o conceito de família abrange a família tradicional / casamento (embora já não seja o modelo de referência), a família monoparental, a família recomposta, a família em união de facto, coabitação e as famílias homossexuais.

A presente dissertação realizou-se no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Psicologia tendo como principal objetivo perceber se existem diferenças entre crianças de diferentes configurações de família. A amostra deste estudo é constituída por 230 participantes, do concelho do Porto e de Oliveira de Azeméis, com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos, que responderam a um questionário sócio demográfico, questões relativas à figura de vinculação (ECR), aos estilos educativos parentais (QEEP) e à sua ansiedade, depressão e stress (EADS-21).

Apresentam-se os resultados exploratórios que nos indicam que no panorama geral, não se verificam diferenças significativas entre as crianças e jovens das novas configurações de família e as crianças da família tradicional. No entanto, encontraram-se valores tendencialmente diferentes quanto ao evitamento quanto à figura paterna, e quanto à distribuição dos vários estilos educativos.

Abstract

The family, as one of the oldest institutions, has undergone changes in its structure and dynamics throughout history, influenced by economic, political, social, cultural, demographic, and technological factors. Thus, we cannot look at the family concept as a fixed, universal concept, but rather as a changing concept. Following a systemic perspective, the family as a whole system within society is in a constant relationship with the environment, following its changes and evolutions to maintain balance. Thus, new family configurations arise.

Currently, the concept of family includes the traditional family/marriage (although it is no longer the reference model), the single-parent family, the recomposed family, the non-marital partnership, cohabitation, and homosexual families. The present dissertation was carried out within the scope of the conclusion of the Integrated master's in psychology having the main objective of understanding whether there are differences between children from different family configurations. The sample of this study consists of 230 participants, from the municipalities of Porto and Oliveira de Azeméis, aged between 9 and 15 years old, who answered a socio-demographic questionnaire, questions related to the attachment figure (ECR), to the parenting styles (QEEP) and their anxiety, depression, and stress (EADS-21).

Exploratory results are presented, which indicate that, in general, there are no significant differences between children and teenagers from new family configurations and children from the traditional family. Though, tendentially different values were found regarding the avoidance of the father figure, and regarding the distribution of the various educational styles.

Resumé

La famille, l'une des institutions les plus anciennes, a eu des changements dans sa structure et sa dynamique au cours de l'histoire, sous l'influence de facteurs économiques, politiques, sociaux, culturels, démographiques et technologiques. Ainsi, nous ne pouvons pas considérer le concept de famille comme un concept fixe et universel, mais plutôt comme un concept en évolution. Selon une perspective systémique, la famille, en tant que système au sein de la société, est en relation constante avec l'environnement, dont elle suit les changements et les évolutions pour maintenir son équilibre. Donc, de nouvelles configurations familiales apparaissent.

Actuellement, le concept de famille inclut la famille traditionnel / mariage (bien qu'il ne soit plus le modèle de référence), la famille monoparentale, la famille recomposée, la famille cohabitante et les familles homosexuelles.

Cette mémoire a été réalisé comme conclusion du Master intégré en psychologie avec l'objectif de comprendre s'il existe des différences entre les enfants issus de différentes configurations familiales.

L'échantillon de cette étude se compose par 230 participants, de la municipalité de Porto et Oliveira de Azeméis, âgés de 9 à 15 ans, qui ont répondu à un questionnaire sociodémographique. Ce questionnaire à des questions concernant la figure d'attachement (ECR), les styles éducatifs parentaux (QEEP) et leur anxiété, dépression et stress (EADS-21).

Les résultats exploratoires obtenus indiquent, de manière générale, il n'y a pas de différences significatives entre les enfants et les jeunes issus des nouvelles configurations familiales et les enfants et les jeunes de la famille traditionnel. Cependant, des valeurs tendancielle différentes ont été trouvées concernant l'évitement de la figure paternelle, et concernant la répartition des différents styles éducatifs.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Carlos Gonçalves, por todo o acompanhamento ao longo dos anos, pelo apoio, disponibilidade, dedicação e orientação.

Às minhas amigas pelo incentivo para a conclusão desta etapa e por todos os momentos de descontração.

À Sofia, por toda ajuda.

Às minhas terapeutas, por toda a motivação e ajuda à autodescoberta.

Aos meus avós que sempre estiveram presentes, em especial o meu avô.

Aos meus pais e irmãos por toda a paciência, compreensão, por tudo o que fizeram e continuam a fazer por mim.

Ao João, por todo o amor, paciência, motivação, não há palavras que expressem o quanto grata estou.

Por último, a mim mesma. Apesar das dificuldades, de todos os desafios e momentos em que pensei em desistir, consegui!

Tudo isto, não era possível sem todas as pessoas mencionadas e tantas outras,

Muito obrigado a todos.

Lista de Abreviaturas

SPSS – Statistical Package for the Social Science

ECR-r – Experiences in Close Relationships (Revised)

QEEP – Questionário de Estilos Educativos Parentais

EADS- 21 – Escala de Ansiedade, Depressão e Stress de 21 itens

NS – Não significativo

Índice

Revisão Literatura	11
1. A família como sistema aberto em desenvolvimento: organização sistémica da família	11
2. As transformações histórico sociais da realidade familiar e seus impactos no desenvolvimento dos filhos	14
3. A Centralidade da Família no desenvolvimento dos filhos. A família como base segura: a vinculação às figuras de vinculação: paterna/materna	17
4. A família como apoio ao longo do desenvolvimento: práticas educativas de responsabilização e supervisão	20
Método	24
Metodologia	24
Caracterização da amostra	25
Instrumentos utilizados na investigação	26
▪ Questionário Sociodemográfico	26
▪ <i>Experiences in Close Relationships – Revised - (ECR- r)</i>	26
▪ Questionário de Estilos Educativos Parentais - QEEP	27
▪ Escala da Ansiedade, Depressão e Stress - (EADS)-21	28
Resultados	30
Análise ECR – r	32
Análise QEEP	34
Análise EADS-21	36
Discussão	37
Conclusões	40
Bibliografia	43
Anexos	46

Índice de Quadros

Quadro 1 – Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a idade da criança .	30
Quadro 2 – Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a idade do pai	30
Quadro 3 – Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a idade da mãe	31
Quadro 4 - Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a ECR-r	31
Quadro 5 - Diferenças entre grupos tendo como variável dependente o QEEP	31
Quadro 6 - Diferenças entre grupos tendo como variável dependente o EADS – 21	32
Quadro 7 – Teste de homogeneidade de variâncias ECR-r.....	33
Quadro 8 – One-Way Anova ECR-r	33
Quadro 9 – One-Way ANOVA ECR-r (correção)	33
Quadro 10 – Frequências descritivas em relação à variável evitamento em relação à figura paterna	34
Quadro 11 – Frequências descritivas dos estilos parentais	35
Quadro 12 – Estilos parentais dependendo dá configuração familiar	35
Quadro 13 - Teste de homogeneidade de variâncias EADS-21	36
Quadro 14 - One-Way Anova EADS-21.....	36

Revisão Literatura

1. A família como sistema aberto em desenvolvimento: organização sistêmica da família

A psicologia começou por estudar o indivíduo descontextualizado dos contextos próximos. Foi na 2ª metade do século passado que começou a valorizar a família como um contexto significativo e decisivo para o desenvolvimento pessoal e social. Ao longo do tempo, a família, uma das instituições mais estáveis, sofreu profundas transformações na 2ª metade do século passado, influenciadas por fatores económicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos que levaram a alterações na sua estrutura e dinâmica. A família era uma célula primitiva e nuclear, alicerce das sociedades e culturas, sendo o suporte modelar das sociedades e culturas.

As transformações que ocorrem nas estruturas psicossociais são, com frequência, fruto das próprias famílias permitindo reconhecer a plasticidade desta realidade vital em constantes mudanças. Tudo isto, mostra a riqueza desta realidade vital e a quase intrínseca adaptação continuada a diferentes meios e tempos. Sendo uma realidade em persistente mudança, atualmente devemos referir-nos a família ou famílias? Qual a importância da estrutura familiar para a criança ou adolescente? Terão estas diferenciadas configurações familiares, que vão emergindo na contemporaneidade, um impacto significativo na qualidade do desenvolvimento dos filhos? Estas foram algumas questões que motivaram este estudo.

Face a este cenário movedição e em transformação constante colocamo-nos a questão basilar: afinal o que é a família?

A família é um sistema complexo, constituída por um conjunto de elementos (subsistemas), em contínua relação transformadora com o exterior passando por vários estádios de evolução ao longo do tempo, em ordem de manter o seu equilíbrio homeostático e transformador (Sampaio & Gameiro, 1985).

Existem vários tipos de família, levando a uma dimensão plural da expressão. Cada família percebe-se de múltiplas maneiras. Alguns dos fatores que foram transformados ao longo do tempo são, por exemplo, diminuição do número médio de filhos, aumento do nú-

mero de pessoas sós, diminuição da fecundidade, diminuição das famílias numerosas, aumento das famílias recompostas, resultado do aumento dos divórcios, aumento das uniões de facto e uniões livres, e as famílias do mesmo género (Dias, 2011).

Numa perspetiva sistemática é importante ter em atenção a evolução do conceito de família. Este tem vindo a desenvolver-se e a tornar-se mais vasto, sendo um sistema com uma finalidade autorregulado. Têm surgido novas configurações de família e novas conceções de família e de organização da vida dos seus membros, coexistindo realidades familiares que valorizam modelos tradicionais e outras que optam por novos referenciais em constante mudança, questionando o modelo tradicional de família intacta. Nas sociedades contemporâneas designadas por pós-modernidade líquida (Bauman, 2006) dão ênfase mais às emoções efémeros e passageiros, sem valorizar o estruturante da condição humana. Assim, aposta-se na diversidade e singularidades, demarcando-se de padrões homogeneizados de configurações familiares. Assim, os Estados devem demarcar-se de regulamentos que imponham formas tradicionais de famílias, mas devem ser reguladas por normas respeitadoras da diversidade de configurações de famílias, demarcando-se de normativos que privilegiam a família tradicional (Dias, 2011).

A teoria geral dos sistemas, diz-nos que num sistema nada acontece isoladamente, algo que afete um dos elementos do sistema afetará todos os outros; isto é, qualquer mudança terá impacto em todos os subsistemas do sistema familiar (Andrade & Martins, 2016) (Alarcão, 2002). A família como sistema deve seguir três características essenciais, como o mínimo de interdependência entre os membros do sistema, o mínimo de regulamentos que presidem às relações entre os membros do sistema e o mínimo de consciência dos regulamentos por parte do sistema (Relvas, 1996; Gimeno, 2003; Amaro, 2006 cit em Dias, 2011), tendo como objetivo a proteção psicossocial dos seus membros e a adaptação a uma cultura e a transmissão da mesma. Norbert Wiener, em 1948 desenvolveu uma teoria denominada Teoria Cibernética, que nos diz que tanto as máquinas como os seres vivos são criados como um conjunto de elementos em interação, como um sistema, sendo que as interações funcionam através da comunicação.

Em 1968, também o biólogo Ludwing Von Bertalanffy desenvolveu uma teoria sistémica, sendo que esta teoria tinha um carácter mais organicista ao contrário de Wiener que seria mais mecanicista. A família é um sistema aberto “um sistema em troca de matéria como

o meio, que apresenta entradas e saídas, construção e destruição dos seus componentes materiais” (Alarcão, 2002) (Von Bertalanffy, 1979 cit em Dias, 2011).

A família é um sistema constituída por vários subsistemas, como o subsistema conjugal, fraternal, filial e parental e insere-se num sistema maior, a sociedade (Sampaio & Gameiro, 1985; Relvas, 1996). Todos estes sistemas interagem entre si, e mudanças que se verifiquem num subsistema terão impacto, não só nos restantes, como na família e posteriormente na sociedade, daí a importância que todos os sistemas estejam em equilíbrio entre si para se conseguirem adaptar às exigências impostas de forma mais consolidada. No subsistema conjugal existe um eu, tu e nós. Este surge quando duas pessoas se unem numa relação complementar, podendo existir uma perda de individualidade, mas por outro lado, um ganho no sentido de pertença, companheirismo e complementaridade. O subsistema filial surge com o nascimento do primeiro filho do casal, modificando o subsistema anterior. Com o surgimento do subsistema filial, surge também o subsistema parental, que diz respeito sobretudo à educação, socialização e proteção a todos os níveis. Por fim, o subsistema fraternal diz respeito às relações entre irmãos (Relvas, 1996). De acordo com Batista (2001), a “estrutura familiar é fruto de transações e comunicações repetidas que levam à definição dos padrões de relação.” A estrutura familiar é assim resultado da organização de cada subsistema e da relação estabelecida entre cada um dos seus membros. Cada família é única, tem o seu próprio dinamismo e sistema, embora vá sofrendo alterações ao longo do seu ciclo vital (Dias, 2011).

A família como sistema aberto está em constante permuta com o exterior, proporcionando a cada membro a individualidade de realizar tarefas e funções que levem ao seu crescimento. Tanto o sistema ‘família’ como o sistema social estão em permanente mudança, transformação, adaptam-se e complementam-se. É essencial que o sistema familiar aberto funcione em equilíbrio, pois a família como sistema não é apenas um conjunto de pessoas reunidas num espaço de tempo, mas um grupo corresponsável pelo bem-estar de todos os seus membros, fazendo com que todos se sintam integrados e como parte importante de um todo (Dias, 2011).

Sem um sistema familiar estruturado e com equilíbrio homeostático não pode existir uma autêntica construção da sociedade. Tanto o sistema familiar como o sistema social, estão em permanente equilíbrio e desequilíbrio em função da capacidade ou não para manter o sistema

em equilíbrio, dando prioridade ao todo em detrimento das partes (Parsons, 1979 cit em Dias, 2011).

A Organização Mundial de Saúde em 1994, define família como “família não pode ser limitada a laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adoção. Qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo e destino comum, devem ser encarados como uma família”. Assim surgem diferentes tipos de família com identidade própria, constituídas por elementos ligados por laços de sangue, de afeto ou interesse que durante um determinado período constroem uma história de vida única (Giddens, 1999; 2004; Amaro, 2006; 71; Alarcão & Relvas, 2002 cit. em Dias, 2011). Assim, nas sociedades contemporâneas não existe um modelo único de família, mas vários tipos de organizações domésticas que originam uma família (Schimanski, 2013). O termo “família” tem um caráter polissêmico e abrange desde: a casa-edifício; morada; laços de sangue (família consanguínea); parentesco espiritual (padrinhos); definição jurídica (filhos, órfãos, pai de família; espaço de poder (autoridade).

Ao longo do ciclo de vida da família, esta integra novos elementos seja através do nascimento, casamento ou adoção. Sendo a família um conjunto de pessoas, esta está também inserida numa comunidade e numa cultura com características próprias que exercem influência nos seus grupos. Contudo, é da qualidade e estabilidade dos vínculos emocionais do contexto familiar que depende da qualidade de vida dos todos os subsistemas do sistema família (Matos et al., 2015).

2. As transformações histórico sociais da realidade familiar e seus impactos no desenvolvimento dos filhos

A família antes da Revolução Industrial era constituída por um elevado número de filhos, que eram considerados um fator de prestígio, no entanto, existia taxas de mortalidade infantil elevadas. Na casa da família podiam coabitar duas ou três gerações, sendo todas controladas pela autoridade máxima (que era o homem mais velho da casa). Nestas famílias eram visíveis as diferenças de género e de idade, hierarquias muito rígidas, onde as mulheres estavam sempre subordinadas aos homens e os jovens sempre subordinados aos mais velhos, embora todos, homens e mulheres, eram inferiores ao elemento com mais autoridade na família, o

ancião. A mulher era vista como um ser inferior, controlada pelo pai enquanto solteira, quando casada pelo marido e quando viúva pelo filho mais velho. Esta, só conseguia aumentar o seu estatuto na relação direta com o número de filhos que conseguia ter.

No final do século XVIII, depois da Revolução industrial, as populações migraram das zonas rurais para as zonas urbanas, em busca de melhores condições de vida, para se aproximarem do local de trabalho, ter autonomia de residência, acabando por abandonar o sistema familiar até lá adotado. Alteram-se as formas de constituir os casais, dominam as preferências pessoais, abandona-se a estrutura hierárquica, diminui o peso do controlo que os mais velhos até então possuíam, a escassez do espaço não permite a constituição da residência conjunta dos familiares, acabando por se verificar uma diminuição do número de filhos, que deixam de ser vistos como um sinal de prestígio e de riqueza. A família tradicional é substituída pela família conjugal ou nuclear unida por laços emocionais, com um maior grau de privacidade doméstica.

Assim, no século XX, generalizou-se o conceito que a família deveria ser um mundo privado, de realizações pessoais, onde vigorava o carinho, o amor, proteção, educação e formação, promoção social e momentos lúdicos. A história da família é feita sempre de acordo com a realidade onde esta se encontra, é um conceito intrínseco, que não pode ser retirado do contexto e tratado isoladamente.

Surgem então diferentes tipos de família com identidade própria, constituídas por elementos ligados por laços de sangue, de afeto ou interesse que durante um determinado período constroem uma história de vida única (Amaro, 2006; Giddens, 1999; 2004; Gonçalves, 1994 ; Relvas & Relvas, 2002). Sendo que hoje não existe um modelo único, mas vários tipos de organizações domésticas que originam uma família (Schimanski, 2013). Na contemporaneidade designa-se a família como uma realidade complexa com um número infinito de matrizes de agregados familiares, onde se incluem: - casais (de facto ou de direito) com ou sem filhos (comuns ou não); -pais ou mães sós, que vivem com os filhos; - pessoas que vivem sem companhia; pessoas que vivem no mesmo alojamento partilhando despesas sem terem qualquer laço de parentesco (Rosa, 2015).

De acordo com os CENSOS, em 1960 a dimensão média das famílias era de 3,7 e em 2011 era de 2,6 (PORDATA).

Em 1992	Em 2020
---------	---------

12.5% - 1 indivíduo	20.96% - 1 indivíduo
20.1% - casal s/filhos	23.87% -casal s/filhos
45.5% - casal c/filhos	35.19% - casal c/filhos
6.3% - família monoparental	11.57% - família monoparental
15.5% - outros	8.42%- outros

Agregados domésticos segundo a sua composição (%)(PORDATA)

O agregado doméstico privado inclui quem partilha a casa e as principais despesas, podendo os indivíduos ter ou não laços familiares. Também se incluem neste conceito as pessoas que vivem sozinhas(Aboim, 2003). Os agregados domésticos privados são geralmente designados agregados familiares.”

O tipo de família mais presente é a família nuclear/tradicional (casamento) composta por dois adultos de sexos diferentes e os seus filhos biológicos e/ou adotados (Dias, 2011), embora esta já não seja o modelo de referência para muitas pessoas. Em 1960 o número de casamentos não católicos era de 9,2%. Em 2021, este número passa para 71,6%. No entanto, isto não significa que os casais não passem pela formalização da relação.

Os agregados monoparentais são constituídos por um adulto e pelos seus filhos, onde na maioria dos casos este adulto é a mulher (Marinho, 2014). De acordo com dados apresentados no site PORDATA, em 2020, do número total de agregados monoparentais (470 654), 398 572 são do sexo feminino. Estas famílias derivam de divórcio, viuvez ou até mesmo por ação própria dos progenitores, mães solteiras, adoção ou até mesmo técnicas de reprodução. Atualmente, com o aumento do número de divórcios, este tipo de famílias também aumentou (Dias, 2011).

Atualmente as famílias recompostas já estão bastante generalizadas e podem ocorrer por diversas situações. São formadas por laços conjugais depois de um divórcio ou separação, onde podem existir filhos de casamentos anteriores, e posteriormente filhos da nova relação (Atalaia, 2015). As relações entre padrastos e enteados nem sempre são bem estabelecidas e caso haja filhos de casamentos anteriores, podem existir diferenças no tipo de educação e de regras impostas aos filhos e aos enteados o que poderá resultar sendo uma fonte de aproximação familiar ou uma fonte de tensão (Valentim de Sousa & Dias, 2014).

Os filhos não são necessariamente comuns ao casal. As chamadas “famílias reconstituídas” são frequentes, onde os filhos podem não ser “nossos”, mas apenas “meus” ou “teus”. O impacto do divórcio nas crianças e jovens parece ser mais intenso durante os primeiros meses

após a separação e tende a diminuir ao longo do tempo (Martins, 2010). Quando se trata de adolescentes, o seu nível de desenvolvimento cognitivo já lhes permite compreender o conjunto de fatores envolvidos no divórcio dos pais e encontram mais facilmente nos pais um sistema de suporte alternativo ao das figuras parentais (Mota, 2008).

A coabitação ou união livre, atualmente é uma situação cada vez mais presente, nomeadamente entre os jovens, pois funciona como um período experimental na vida em comum (Santos, 2011).

As uniões de facto, seguem a linha da família nuclear, embora não implique a existência de um contrato escrito (Dias, 2011). Estes casais passam a ter os mesmos direitos que um casal casado. Caso tenham filhos, estes estão legalmente protegidos, tendo os mesmos direitos e deveres dos filhos de um casal que tenha oficializado a união através do casamento. Todos estes fatores, levam a que os casais não sintam necessidade de oficializar a união através do casamento. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, em 2021, os nascimentos fora do casamento já representam 60% dos nascimentos ocorridos.

Por último, as famílias homossexuais são constituídas por duas pessoas do mesmo sexo que podem ou não ter filhos (Dias, 2011). De acordo com o site PORDATA, em 2021, do número total de matrimónios (29 057), 549 são matrimónios de pessoas do mesmo sexo.

3. A Centralidade da Família no desenvolvimento dos filhos. A família como base segura: a vinculação às figuras de vinculação: paterna/materna

A família é o primeiro contexto social que influencia o bem-estar e o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Os pais influenciam os seus filhos tanto pela herança genética como pela herança comportamental, pela modelagem e pelo estilo parental; ou seja, pais negligentes ou pais superprotetores, ou até mesmo pais autoritários, podem levar a consequências negativas no potencial e desenvolvimento das crianças e dos adolescentes (Matos et al., 2015).

A família tem várias funções como de proteção e socialização dos seus membros para dar resposta à sociedade. Assim, a família tem dois objetivos principais, como a proteção psicossocial dos membros e a acomodação e a transmissão da cultura. Outras funções da família são por exemplo, ser geradora de afetos entre os seus membros, proporcionar

segurança e aceitação pessoal, proporcionar satisfação e sentimentos de utilidade, assegurar a continuidade das relações, proporcionar estabilidade e socialização, impor autoridade e ensinar o que é correto. Para a criança, a sua família é a sua referência, sendo por isso o primeiro contexto onde desenvolve as suas primeiras interações, desenvolvendo a sua socialização primária (de Sousa & Sarmiento, 2010).

Segundo Bowlby (1995), a vinculação precoce é um comportamento inerente à família dos primatas, em particular ao ser humano. A vinculação é uma relação emocional que liga uma pessoa a outra no tempo e no espaço. Bowlby defende que os seres humanos nascem com um sistema psicobiológico, um sistema comportamental de vinculação que os induz a procurar proximidade das figuras de vinculação (Bowlby, 1955). John Bowlby mostrou que quando nascemos somos dependentes dos adultos, não só para satisfazer as necessidades básicas, como também precisamos de atenção e afetos. Sem isto, o ser humano não se desenvolve corretamente, levando a dificuldades nos relacionamentos interpessoais futuros.

Assim, desde o momento do nascimento o bebé começa a desenvolver relações com o adulto que lhe presta os cuidados primários, e lhe proporciona segurança, satisfazendo as suas necessidades físicas e as psicossociais (Morgado, 2010). De acordo com esta teoria, o ser humano nasce com um sistema comportamental de vinculação que o impele a procurar proximidade de outros (figuras de vinculação).

Entenda-se por vinculação a ligação afetiva com dependência mútua, que se sustém na convicção de que esta ligação se prolongará no tempo, podendo ser de dois tipos: segura ou insegura (Silva, 2014). Por outro lado, a fundação desta relação e a sua qualidade, são influenciadas pela interação dos elementos, sendo que o objetivo é a criação de uma relação baseada na segurança. Sempre que o bebé sente desconforto, medo ou mal-estar recorre à figura que considera mais apta e mais forte, procurando proteção. Ainsworth (1989), refere que o bebé construirá “modelos internos dinâmicos” em relação às expectativas que pode ter em relação ao comportamento da figura de vinculação (Papalia, Olds & Feldman, 2001 cit., em Morgado, 2010).

O sistema de vinculação vai-se desenvolvendo ao longo do período de crescimento do bebé. Numa primeira fase (desde o nascimento até aos 2 meses) o bebé usa sistemas neonatais para atrair cuidadores e são direcionados para todos os adultos, uma vez que ainda não consegue distingui-los. Nesta fase, o nível de resposta da mãe é fundamental para o

estabelecimento de uma relação de vinculação com qualidade, entre esta e o bebê. A partir dos 2 meses até aos 6 meses, o bebê começa a distinguir os adultos e a responder mais ativamente ao cuidador. Dos 6 meses até ao 1 ano, o bebê torna-se mais ativo, uma vez que, começa a desenvolver a locomoção e permite-lhe que explore o ambiente envolvente à sua “base segura”. Assim, quando o cuidador não está presente no espaço, todos os adultos são potenciais causas de ansiedade. A partir dos 2 anos de idade, a criança começa a ver o cuidador como alguém independente, acabando por tornar a relação recíproca. Bowlby defendia que, após os 3 anos de idade, a criança deixa de se sentir tão ameaçada e deixa de ser tão evidente o comportamento de vinculação. Durante a adolescência a relação da criança com os pais, começa a ser substituída pela relação com os pares (Silva, 2014). A figura de vinculação funciona como uma base segura para a criança, de forma que esta se sinta confiante para explorar o mundo envolvente.

Ainsworth, diferenciou as relações de vinculação em três padrões: vinculação segura, vinculação insegura – ambivalente e vinculação insegura – evitante. Numa relação de vinculação segura a criança demonstra confiança na sua figura de vinculação, sendo que esta é vista pela criança como uma fonte de segurança e conforto em situações que necessite (Ainsworth,1979; Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson,1999 cit em Fernandes, 2012).

Crianças com padrões de vinculação insegura – ambivalente, cria uma relação ambivalente com os seus pais ou cuidadores, uma vez que os pais não estarem sempre presentes quando necessitam podem manifestar reciprocidade na relação com imprevisibilidade nas atitudes.

Crianças com padrões de vinculação insegura – evitante, geralmente têm pais negligentes, que não lhe deram apoio nem a atenção que necessitava, acabando por desenvolver um afastamento físico e emocional dos mesmos.

Uma criança com vinculação segura torna-se confiante nas suas interações com o meio, exibindo poucos comportamentos de vinculação quando não existe perigo. No entanto quando o percecionam poderão ou não dirigir comportamentos de vinculação de modo a serem reconfortados (Ainsworth,1979; Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson,1999 cit em Fernandes, 2012). Por outro lado, crianças com vinculações inseguras, podem ter maior dificuldade no relacionamento com os outros. Na fase adulta podem tornar-se mais ansiosos e inseguros, estabelecem relações de dependência. Normalmente são indivíduos mais preocupados e impulsivos, tornando-se indivíduos mais desligados e independentes que

evitam o compromisso ou relações amorosas, encarando as mesmas como não importantes, com inexistência de afetos.

4. A família como apoio ao longo do desenvolvimento: práticas educativas de responsabilização e supervisão

Os filhos acarretam tanto a herança genética, como a herança comportamental transmitida pelos pais através da modelagem. O estilo parental é o conjunto de atitudes que são centradas e transmitidas à criança através das quais surge a criação de um clima emocional onde os comportamentos dos pais são revelados, através dos quais os pais cumprem os seus deveres parentais (Durbin et al., 1993).

A forma como a psicologia foi compreendendo os estilos parentais também sofreu mudanças ao longo do tempo. Os primeiros estudos sobre os estilos parentais surgiram na década de 20 e 30, onde o foco era a disciplina e as atitudes parentais para com os filhos. Baldwin, Kalhorn e Bresse (1945), começaram por distinguir três tipos de pais: os pais rejeitadores (onde existiam os pais ativamente rejeitadores e pais indiferentes), os pais casualmente autocráticos e casualmente indulgentes e os pais aceitadores. Estes três estilos educativos tinham em conta as seguintes variáveis: aceitação da criança, proteção, democracia, calor afetivo, harmonia e restrição (Baldwin et al., 1945). Schaefer (1959) depara-se com duas dimensões bipolares em relação às práticas educativas: amor-hostilidade e autonomia-controlo. O calor afetivo é benéfico para o desenvolvimento da criança, todavia pode ser prejudicial quando excessivo ou possessivo. O controlo indica uma existência de regras, o seu cumprimento e a existência de práticas disciplinares. No entanto, uma pressão insuficiente para o cumprimento de regras não produz modificações no comportamento e uma pressão excessiva leva a uma mudança comportamental imediata, mas sem a internalização da regra.

Baumrind (1971) notou que a dimensão amor-hostilidade não explicava a variabilidade do comportamento parental e assim define os estilos educativos em função da capacidade de resposta aos pedidos dos filhos e das atitudes de exigência. Em 1971, Baumrind identificou assim três estilos parentais, sendo mais tarde acrescentado um quarto estilo por Maccoby e Martin em 1983. Temos então o estilo autoritativo, estilo autoritário, estilo permissivo e o estilo negligente.

O estilo autoritativo resulta da conjugação entre exigência e responsividade em altos níveis. Pais autoritativos exercem uma autoridade forte, mas ao mesmo tempo racional e flexível. A disciplina é introduzida de uma forma indutiva, os pais supervisionam a conduta dos filhos, corrigindo as atitudes negativas e enaltecendo as positivas. São responsivos às necessidades e interesses dos filhos, dentro de uma bolha de aceitação e carinho. As regras são definidas em função da idade e desenvolvimento dos filhos, sendo sempre negociadas e explicadas.

Os pais utilizam recompensas e punições de forma adequada, em correspondência com o comportamento da criança. As expectativas quanto ao comportamento dos filhos é clara e real. A comunicação destes pais com os filhos é bidirecional, com base no respeito mútuo, têm consideração pelos sentimentos dos filhos. É incentivada a autonomia, a individualidade, a tomada de decisões e a responsabilidade da criança.

Os pais autoritativos apesar de serem controladores e de terem expectativas elevadas em relação ao comportamento dos filhos, são igualmente afetuosos. Os filhos são autoconfiantes, autocontrolados, responsáveis no nível social e capazes de explorar e investirem. Por norma são mais extrovertidos, independentes, criativos e capazes de comportamentos amigáveis e não hostis (Baumrind, 1966; Glasgow, Dornbusch, Troyler, Steinberg & Ritter, 1997 cit em Ceconello et al., 2003).

O estilo autoritário resulta da conjugação entre altos níveis de controlo e baixa responsividade. Pais autoritários são controladores e pouco afetuosos. Adotam um conjunto rígido de normas a que os filhos se devem ajustar, a partir das quais julgam os seus comportamentos. Não esclarecem o porquê das suas ordens, esperam que estas sejam cumpridas sem questionamento e sem hesitações por parte dos filhos. O clima afetivo é normalmente frio e distante, com demonstrações de amor dependentes do comportamento dos filhos. Não há encorajamento do pensamento independente o que leva os filhos a adotarem os valores e opiniões dos pais. A competência social dos filhos com outros é limitada e muitas vezes apresentam baixos níveis de auto estima e motivação (Baumrind, 1966; Glasgow, Dornbusch, Troyler, Steinberg & Ritter, 1997 cit em Ceconello et al., 2003).

O estilo permissivo resulta da conjugação entre baixo controlo e alta responsividade. Pais permissivos exigem pouco controlo e padrões baixos de responsabilidade e de maturidade. Colocam em primeiro lugar os desejos dos filhos. Práticas disciplinares nem

sempre existem, mas quando existem são inconsistentes e imprevisíveis e usadas em último recurso. Os pais permissivos são afetuosos, comunicativos e excessivamente responsivos e tolerantes aos impulsos e necessidades dos filhos. Estes pais percecionam-se como recursos ao invés de se percecionarem como modelos ou agentes ativos na educação e socialização dos filhos. Os filhos são geralmente inseguros e egoístas, com baixos níveis de auto estima e de auto suficiência (Baumrind, 1966; Glasgow, Dornbusch, Troyler, Steinberg & Ritter, 1997 cit em Ceconello et al., 2003).

O estilo negligente resulta da conjugação entre baixo controlo e baixa responsividade. Os pais negligentes apresentam uma baixa exigência em relação aos filhos face a padrões de maturidade e a comportamentos aceitáveis. Estes não exigem responsabilidade aos filhos, mas também não promovem a sua independência. São consistentemente inconsistentes, isto é, a expressão de afeto e o exercício de autoridade dependem do acaso e do humor dos pais. Não existem regras claras que regulem o comportamento dos filhos. São pais pouco envolvidos nas tarefas de socialização, centrados em si mesmos, pouco afetuosos, ausentes e indiferentes e incapazes de se auto organizarem para responder às necessidades físicas, emocionais e afetivas dos seus filhos. Os filhos não aprendem a controlar os seus impulsos nem a desenvolver comportamentos aceites pela sociedade (Baumrind, 1966; Glasgow, Dornbusch, Troyler, Steinberg & Ritter, 1997 cit em Ceconello et al., 2003).

Não existem pais com um estilo parental puro; estas práticas educativas sofrem alterações com o desenvolvimento dos filhos, embora sejam consistentes ao longo do tempo. Os estilos educativos parentais são influenciados pela personalidade dos pais, características individuais da criança, características do contexto sociocultural e do género do progenitor e da criança (Simões, 2011).

Dentro da família podem existir diferentes estilos educativos dependendo da idade dos filhos e do seu género, a ordem de nascimento, o nível socioeconómico e cultural dos pais, bem como do stress dos mesmos. Os pais vão usando estilos mais autoritativos e flexíveis em vez de estilos mais rígidos ou permissivos, à medida que os filhos começam a crescer e a responsabilizar-se pelos seus atos.

Muitas vezes os rapazes são orientados para a aquisição de independência, mais incitados à criatividade e exploração do meio, enquanto as raparigas são orientadas para a sua proximidade com a mãe, incitando-as mais para o conformismo. O estilo permissivo

parece prejudicar mais o rapaz do que a rapariga. Assim como o estilo permissivo, também o estilo autoritário parece ter um risco acrescido para os rapazes potenciando a adoção de condutas antissociais.

O estilo negligente parece ser mais prejudicial para a rapariga. Várias pesquisas mostraram o efeito positivo do estilo educativo autoritativo sobre o desenvolvimento psicológico da criança e adolescente. Nas crianças este estilo está relacionado com assertividade, competência social e comportamento independente. Enquanto nos adolescentes, se verificam melhores níveis de competência social, auto estima, auto confiança, desempenho escolar e menores níveis de ansiedade, depressão e problemas de comportamento (Baumrind, 1991; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994; Steinberg, Mounts, Lamborn & Dornbusch, 1991 cit em (Cecconello et al., 2003).

Método

O objetivo geral desta investigação pretende ser um modesto contributo para analisar o impacto que as novas configurações de família têm em várias dimensões do desenvolvimento dos filhos, concretamente em crianças do 1º e 2º ciclo.

Especificamente pretende contribuir para compreender: Como as diferentes configurações familiares: família intacta tradicional, família de divórcio, união de facto e monoparental influenciam as várias dimensões do desenvolvimento dos filhos, a saber: o tipo de vinculação, as práticas educativas parentais e a qualidade de vidas na saúde mental: ansiedade, depressão e stress.

A partir da revisão da literatura formularam-se as seguintes questões de investigação:

1. Haverá diferenças significativas nos estilos de vinculação às figuras parentais em crianças provenientes de famílias intactas em relação às de famílias de divórcio, monoparentais e união de facto?
2. Haverá diferenças significativas nas práticas de parentalidade em crianças provenientes de famílias intactas em relação às de famílias de divórcio, monoparentais e união de facto?
3. Haverá diferenças significativas na saúde psicológica (ansiedade, stress e depressão) em crianças provenientes de famílias intactas em relação às de famílias de divórcio, monoparentais e união de facto?

Metodologia

Optou-se por uma metodologia quantitativa recolhendo-se dados em turmas do 1º e 2º ciclo, que voluntariamente se disponibilizaram a participar, com consentimento informado dos encarregados de educação.

Caracterização da amostra

Participaram na investigação um número total 229 sujeitos com idades entre os 9 e os 15 anos ($M = 11.12$; $DP = 1.29$), 116 do sexo masculino (50.7%) e 113 do sexo feminino (49.3%), sendo 124 do concelho do Porto e os restantes 106, do concelho de Oliveira de Azeméis.

A idade média do pai é de 44 anos ($M = 44.80$; $DP = 5.15$) e a idade média da mãe é de 43 anos ($M = 43.49$; $DP = 4.31$).

Em relação ao nível de escolaridade dos pais, diferenciamos o nível de escolaridade do pai e da mãe. Em relação ao nível de escolaridade do pai, 16 têm o 1º ciclo do Ensino Básico (7.4%), 17 têm o 2º ciclo do Ensino Básico (7.9%), 25 têm o 3º ciclo do Ensino Básico (11.6%), 39 têm o Ensino Secundário (18.1%), 7 têm Bacharelato (3.3%), 63 têm Licenciatura (29.3%), 17 têm Mestrado (7.9%), 30 têm Doutoramento (14%) e 1 participante relatou que o pai tinha outro nível de escolaridade (0.05%). Em relação ao nível de escolaridade da mãe, 7 têm o 1º ciclo do Ensino Básico (3.3%), 19 têm o 2º ciclo do Ensino Básico (9%), 19 têm o 3º ciclo do Ensino Básico (9%), 44 têm o Ensino Secundário (20.8%), 9 têm Bacharelato (4.2%), 63 têm Licenciatura (29.7%), 19 têm Mestrado (9%), e 32 têm Doutoramento (15.1%). Relativamente à sua situação profissional, 90.6% das mães e 97.8% dos pais estão empregados.

No que se refere ao estado civil dos pais, definiu-se duas categorias de configurações de família. Um primeiro tipo que designamos família tradicional, onde se encontram filhos de pais casados (84%) e um segundo tipo que designamos como novas configurações de família onde se inserem os filhos de pais solteiros, divorciados, viúvos, em união de facto ou outra forma de família (16%).

Quando questionados o que pretendiam fazer após a conclusão do 9º ano, 75.7% pretende fazer o 12º ano e posteriormente ingressar no Ensino Superior, 17.3% pretende fazer o 12º ano através de um curso profissional, 5.8% pretende deixar de estudar após o 12º ano, 0.09% não responderam e 1 participante (0.04%) relatou que pretende fazer o 12º ano e emigrar.

Instrumentos utilizados na investigação

▪ Questionário Sociodemográfico

A utilização do questionário Sociodemográfico, construído no âmbito da presente investigação, permitiu a recolha de dados relativos ao adolescente como a idade, ano de escolaridade, género, reprovação, avaliação escolar, continuação de estudos e interesses profissionais; e relativos à família como o estado civil dos pais, o seu nível de escolaridade, idade e situação profissional. Este instrumento é composto por 12 questões.

▪ *Experiences in Close Relationships – Revised* - (ECR- r)

A escala *Experiences in Close Relationships – Revised* (ECR- r; Fraley, Waller & Brennan, 2000) permite avaliar a vinculação do sujeito em relação às figuras paterna, materna, par romântico e par significativo através de duas dimensões: ansiedade e evitamento.

A escala tem 36 itens, na sua versão original, que são cotados numa escala tipo Likert entre 1 a 7, sendo que 1 significa (discordo totalmente) e 7 (concordo totalmente). Os primeiros 18 itens da escala dizem respeito à subescala ansiedade relacionada com a vinculação e os restantes itens dizem respeito à subescala evitamento relacionada com a vinculação. Sendo um instrumento de autorrelato, este permite avaliar o resultado de cada sujeito de forma dimensional ou categorial, sendo que é através dos valores de cada subescala que são estimados os seus níveis de ansiedade e evitamento.

Uma vez que o objetivo desta investigação não incide no par romântico nem no par significativo foram respondidas apenas para as figuras paterna e materna. Foi usada uma escala reduzida de 18 itens, uma vez que a escala foi aplicada a crianças do 5ºano com menos literacia o que dificultava a resposta aos 36 itens.

Realizou-se uma análise fatorial exploratória, em componentes principais, com rotação varimax, tendo em conta dois fatores: ansiedade e evitamento, sendo realizada uma análise fatorial para cada figura de vinculação de forma a perceber quais os itens que explicavam cada fator.

Feita a primeira extração em relação à figura paterna, verificou-se que os itens 5 e 8 não saturavam em nenhum fator. Eliminando estes itens, o resultado da análise fatorial em dois

fatores foi o seguinte: KMO de 0.87, teste de esfericidade de Bartlett $\chi^2(120) = 2017.86 = p < 0.001$ e variância total explicada de 58.44%.

Em relação à figura materna, o item 5 não saturava em nenhum fator. Eliminando este item, o resultado da análise fatorial em dois fatores foi o seguinte: KMO de 0.87, teste de esfericidade de Bartlett $\chi^2(136) = 2189.25 = p < 0.001$ e variância total explicada de 55.40%, o que indica uma boa adequabilidade da análise fatorial exploratória. O questionário apresenta uma boa consistência interna, analisada através do alfa de Cronbach. Em relação à figura paterna e tendo em conta os dois fatores (ansiedade e evitamento), o (Ducharne et al., 2006) alfa foi 0.88 e 0.89 respetivamente. Em relação à figura materna e tendo em conta os dois fatores (ansiedade e evitamento) o alfa foi de 0.89 e 0.85 respetivamente.

▪ **Questionário de Estilos Educativos Parentais - QEEP**

O Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP) resulta da tradução e adaptação das Parenting Scales elaborado por Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991) (Ducharne et al., 2006).

Este questionário pretende avaliar o que os adolescentes percecionam dos estilos educativos dos seus pais e inclui duas subescalas responsividade/afeto/envolvimento e supervisão/exigência e permite identificar os quatro estilos educativos definidos por Baumrind (1971) (Ducharne et al., 2006) e por Maccoby e Martin (1983) sendo eles, estilo autoritário, estilo permissivo, estilo autorizado e estilo negligente (Campos & Cruz, 2011).

O questionário apresenta 19 itens, onde as respostas obtidas são cotadas numa escala tipo *Likert* entre 1 a 4, onde 1 significa (nada) e 4 (muito), organizados em duas subescalas: responsividade e supervisão (Ducharne et al., 2006).

Os primeiros cinco itens avaliam os pais separadamente. Os restantes itens referem-se aos dois progenitores. Na eventualidade de um ou dos dois progenitores estarem ausentes, o adolescente responde em função das figuras que representam estas funções, ou que são responsáveis pela sua educação.

Para os primeiros cinco itens é calculada a média aritmética entre as respostas dadas relativamente ao pai e à mãe (caso seja uma família monoparental a média é feita pela cotação

atribuída ao progenitor presente). Para cada dimensão calcula-se a média da pontuação dos itens que constituem cada subescala.

O questionário apresenta boas qualidades psicométricas, a nível da sensibilidade, tanto a nível da discriminação entre os sujeitos como altos níveis de consistência interna em ambas as escalas. Na subescala da Responsividade foi obtido um alfa de Cronbach de 0.78 e na subescala de Supervisão de 0.85 (Ducharme et al., 2006).

Quanto ao QEEP, os fatores foram constituídos recorrendo a um critério concetual, baseado na literatura acerca da escala. Para a amostra em estudo, os valores de alfa obtidos na subescala da Responsividade foi de 0.73 e de 0.83 na subescala de Supervisão.(Ducharme et al., 2006).

▪ Escala da Ansiedade, Depressão e Stress - (EADS)-21

Uma outra escala utilizada foi a Escala da Ansiedade, Depressão e Stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond adaptado para a população portuguesa por (Pais-Ribeiro et al., 2004).

Esta escala resultou da operacionalização do modelo tripartido de Clark e Watson, onde os sintomas da ansiedade estão tripartidos em três tipos, uma vez que evidenciam que a ansiedade e a depressão são difíceis de distinguir empiricamente. A primeira estrutura é designada por *distress* (estrutura comum para a ansiedade e depressão), tensão somática e hiperatividade, sintomas associados à ansiedade. Relativamente à depressão, denota-se a anedonia e a ausência de afeto positivo (Clark & Watson, 1991). Para esta escala as perturbações psicológicas são dimensionais e não categoriais, ou seja, um sujeito normal e um sujeito com perturbações, como depressão, ansiedade e stress, diferem no grau, e não em categoria (Pais-Ribeiro et al., 2004).

A EADS-21 é constituída por três escalas, *depressão*, *ansiedade* e *stress*, cada subescala com sete (7) itens, no total de vinte e um (21) itens de afeto negativo. Para cada item, os participantes devem selecionar até que ponto experienciaram cada um dos sentimentos descritos durante a última semana, numa escala de 4 pontos tipo Likert onde “0 = não se aplicou nada a mim” e “3 = aplicou-se a mim a maior parte das vezes”. A subescala *Depressão* é constituída por Disforia (item 13), Desânimo (item 10), Desvalorização da Vida (item 21), Auto depreciação (item 17), Falta de interesse ou de envolvimento (item 16),

Anedonia (item 3), e Inércia (item 5). A subescala *Ansiedade* constituída por Excitação do Sistema Autónomo (itens 2, 4, 19), Efeitos Músculos Esqueléticos (item 7), Ansiedade Situacional (item 9) e Experiências Subjetivas de Ansiedade (itens 15, 20). A subescala *Stress* é constituída por Dificuldade em Relaxar (itens 1 e 12), Excitação Nervosa (item 8), Facilmente Agitado/Chateado (item 18), Irritação/Reação Exagerada (itens 6, 11) e Impaciência (item 14) (Pinto et al., 2015). A cotação é feita pela soma dos resultados dos 7 itens de cada subescala. Os resultados mais elevados sugerem estados afetivos mais negativos (Pais-Ribeiro et al., 2004) (Costa, 2020). O questionário apresenta uma boa consistência interna, analisada através do alfa de Cronbach. Relativamente à subescala de depressão os resultados foram de 0.85, de 0.74 para a de ansiedade e de 0.81 para a de stress (Pais-Ribeiro et al., 2004). Para a amostra em estudo, os resultados do alfa foi de 0.89 para a subescala depressão, 0.87 para a de ansiedade e de 0.88 para a de stress.

Resultados

Após a inserção dos dados no programa SPSS (versão 27) procedeu-se à validação das escalas a utilizar para a amostra do estudo (já demonstrado anteriormente).

De forma a poder comparar os resultados dos diferentes grupos a estudar, crianças provenientes de famílias intactas e crianças das novas configurações de família, foi necessário verificar se determinados critérios estariam cumpridos. Assim, verificou-se uma discrepância elevada entre estes dois grupos, quanto à dimensão da amostra. O grupo das famílias intactas tem 189 sujeitos, enquanto o grupo das novas configurações apenas 36. Tal implicou que o grupo de participantes com famílias intactas fosse agrupado em grupos aleatórios (com cerca de 37 sujeitos cada um), de modo a constituir um grupo equivalente ao das novas configurações familiares, e assim não aumentar a probabilidade de erro. Após a criação dos cinco subgrupos, foi necessário perceber se estes eram equivalentes entre si, com o objetivo de posteriormente escolher apenas um representativo da amostra. Com este fim, realizamos o procedimento One-Way ANOVA, comparando entre os cinco grupos as variáveis métricas passíveis de serem analisadas desta forma. Obtivemos os seguintes resultados, tendo em conta as variáveis selecionadas – demográficas e dependentes:

Quadro 1– Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a idade da criança

	Df	F	Sig.
Idade da criança	4	.956	.433
Total	187		

[F (4,187) < 1];

Quadro 2– Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a idade do pai

	Df	F	Sig.
Idade do pai	4	2.105	.082
Total	181		

[F (4,181) = 2.11, NS];

Quadro 3– Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a idade da mãe

	Df	F	Sig.
Idade da mãe	4	1.363	.249
Total	179		

[F (4,179) = 1.36, *NS*];

Quadro 4 - Diferenças entre grupos tendo como variável dependente a ECR-r

	Df	F	Sig.
Ansiedade em relação à figura paterna	4	1.936	0.106
Total	186		
Evitamento em relação à figura paterna	4	1.827	0.127
Total	186		
Ansiedade em relação à figura materna	4	1.134	.342
Total	187		
Evitamento em relação à figura materna	4	.670	.614
Total	187		

Ansiedade - figura paterna [F (4,186) = 1.94, *NS*]; Evitamento - figura paterna [F (4,186) = 1.83, *NS*];
Ansiedade- figura materna [F (4,187) = 1.13, *NS*]; Evitamento – figura materna [F (4,187) = 0.67, *NS*];

Quadro 5- Diferenças entre grupos tendo como variável dependente o QEEP

	Df	F	Sig.
Responsividade	4	.954	.434
Total	187		
Supervisão	4	.407	.803
Total	187		

QEEP_Responsividade [F (4,187) = 0.95, *NS*]; QEEP_Sueprvisão [F (4,187) = 0.41, *NS*];

Quadro 6- Diferenças entre grupos tendo como variável dependente o EADS – 21

	Df	F	Sig.
Ansiedade	4	.088	.986
Total	186		
Depressão	4	.093	.985
Total	186		
Stress	4	.041	.997
Total	186		

Ansiedade [F (4,186) = 0.88, *NS*]; Depressão [F (4,186) = 0.93, *NS*]; Stress [F (4,186) = 0.41, *NS*];

Como se observa, não verificamos quaisquer diferenças significativas entre as médias dos grupos nas várias variáveis. Podemos então concluir que os cinco subgrupos relativos às famílias intactas são equivalentes entre si.

Considerando o critério de aleatoriedade com vista a evitar um potencial enviesamento, gerou-se um número aleatório entre um e cinco. Foi, então, seleccionado o número três como subgrupo representativo do grupo da família intacta.

Análise ECR – r

Tendo em conta os autores originais da escala Fraley, Waller & Brennan, que conceptualizam a vinculação como estruturada em duas dimensões: ansiedade e evitamento vamos seguir a análise com esta estrutura.

Como pressuposto do procedimento estatístico, One-Way ANOVA, foi realizada uma verificação de homogeneidade de variâncias. De acordo com os dados apresentados no quadro 7, verificamos que apenas em relação ao evitamento à figura paterna o pressuposto de homogeneidade de variâncias foi violado ($p < 0.05$).

Quadro 7 – Teste de homogeneidade de variâncias ECR-r

	Levene	Df1	Df2	Sig.
Ansiedade em relação à figura paterna	1.017	1	69	.317
Evitamento em relação à figura paterna	9.249	1	69	.003
Ansiedade em relação à figura materna	1.798	1	70	.184
Evitamento em relação à figura materna	.320	1	70	.574

Após a realização do procedimento One-Way ANOVA, verificamos que não existem diferenças significativas entre os grupos nas variáveis, ansiedade em relação à figura materna e paterna e evitamento em relação à figura materna, como apresentado no quadro 8.

Quadro 8– One-Way Anova ECR-r

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Ansiedade em relação à figura paterna	3.677	1	3.677	2.548	.115
Ansiedade em relação à figura materna	2.388	1	2.388	1.628	.206
Evitamento em relação à figura materna	.321	1	.321	.379	.540

Uma vez que a variável evitamento em relação à figura paterna viola o pressuposto de homogeneidade, temos de analisar a ANOVA com correção, através do teste de robustez Brown – Forsythe.

Quadro 9– One-Way ANOVA ECR-r (correção)

		Statistic	Df1	Df2	Sig.
Evitamento em relação à figura paterna	Brown -Forsythe	3.838	1	51.648	.056

Verificamos que não existem diferenças significativas entre os grupos, verificando-se, no entanto, um valor de p tendencialmente significativo em relação ao evitamento à figura paterna das crianças nas novas configurações de família.

Quadro 10– Frequências descritivas em relação à variável evitamento em relação à figura paterna

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error
Evitamento em relação à figura paterna	Nova configuração de família	34	2.470	1.634	.280
	Subgrupo família intacta	37	1.843	.937	.154

Análise QEEP

Após a inserção dos dados relativos ao QEEP, o instrumento foi cotado de acordo com os critérios dos autores (Ducharme et al., 2006). De maneira a definirmos os diferentes estilos educativos, foi necessário dividir a amostra em terços para cada uma das dimensões. Os pontos de corte usados foram 3.28 e 3.67 na dimensão Responsividade e 2.83 e 3.40 na dimensão Supervisão. Deste modo, definiu-se a baixa Responsividade e baixa Supervisão (correspondente ao 1/3 inferior da amostra) e a alta Responsividade e alta Supervisão (correspondente ao 1/3 superior da amostra). Após a definição dos pontos de corte, podemos identificar os quatro estilos educativos: Autorizados (alta responsividade e alta supervisão), Autoritários (baixa responsividade e alta supervisão), Negligentes (baixa responsividade e baixa supervisão) e Permissivos (alta responsividade e baixa supervisão) (Ducharme et al., 2006). Verificamos que 131 sujeitos não se inserem em nenhum dos grupos dos estilos educativos, tendo estilos mais difusos. Da amostra total de 230 sujeitos apenas 99 se enquadraram num dos quatro estilos educativos mencionados.

O quadro 11 indica a distribuição dos 99 sujeitos nos diferentes estilos parentais, tendo-se excluído os sujeitos com estilo difuso. Podemos verificar que o estilo educativo mais frequente na população é o Negligente (36.4%); muito próximo encontramos o estilo Autorizado (33.3%); de seguida o estilo Permissivo (17.2%) e por fim o estilo Autoritário (13.1%).

Quadro 11 – Frequências descritivas dos estilos parentais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Autorizado	33	14,3	33,3	33,3
Autoritário	13	5,7	13,1	46,5
Negligente	36	15,7	36,4	82,8
Permissivo	17	7,4	17,2	100,2
Total	99	43,0	100,0	

No quadro 12 verificamos a frequência de cada estilo parental quando comparamos o grupo das novas configurações de família, com o grupo aleatório das famílias intactas. Assim, do grupo de 99 sujeitos que se enquadravam nos estilos educativos, com a redução da amostra do grupo das famílias intactas, ficamos com 27 sujeitos.

Quadro 12 – Estilos parentais dependendo da configuração familiar

		Autorizado	Autoritário	Negligente	Permissivo	Total
Nova configuração de família	N	1	2	6	4	13
	Percent	7.7%	15.4%	46.2%	30.8%	100%
Subgrupo família intacta	N	6	2	4	2	14
	Percent	42.9%	14.3%	28.6%	14.3%	100%

Como podemos verificar no quadro 12, o estilo educativo mais frequente nas novas configurações de família é o Negligente (46.2%), depois o Permissivo (30.8%), o Autoritário (15.4%) e por fim o Autorizado (7.7%). Em relação à família tradicional, o estilo educativo mais frequente é o Autorizado (42.9%), seguindo-se o Negligente (28.6%) e por fim, os estilos Autoritário e Permissivo com a mesma percentagem (14.3%). Não foi possível realizar o procedimento de qui-quadrado, uma vez que se verifica uma reduzida contagem na maioria das células. No entanto, o teste exato de Fisher demonstra não haver diferenças significativas.

Análise EADS-21

A análise das respostas aos itens da EADS-21, permitiu perceber que não existem diferenças entre os diferentes grupos relativamente às três subescalas – ansiedade, depressão e stress. Relativamente à subescala stress [$F(1,71) = 1.18, NS$], à subescala ansiedade [$F(1,71) < 1$] e à subescala depressão [$F(1,71) < 1$].

Quadro 13 - Teste de homogeneidade de variâncias EADS-21

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Ansiedade	.837	1	70	.364
Depressão	.017	1	70	.895
Stress	.006	1	70	.937

Quadro 14 - One-Way Anova EADS-21

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Ansiedade	,043	1	,043	,087	,769
Depressão	,029	1	,029	,059	,809
Stress	,684	1	,684	1,179	,281

Discussão

O objetivo principal do presente estudo passava por perceber se existiam diferenças entre crianças e adolescentes das novas configurações e crianças e adolescentes de famílias tradicionais, tendo em conta algumas variáveis. Recordando hipóteses de investigação: 1) Haverá diferenças significativas nos estilos de vinculação às figuras parentais em crianças provenientes de famílias intactas em relação às de famílias de divórcio, monoparentais e união de facto? 2) Haverá diferenças significativas nas práticas de parentalidade em crianças provenientes de famílias intactas em relação às de famílias de divórcio, monoparentais e união de facto? 3) Haverá diferenças significativas na saúde psicológica (ansiedade, stress e depressão) em crianças provenientes de famílias intactas em relação às de famílias de divórcio, monoparentais e união de facto?

Os resultados obtidos, bem como as conclusões apresentadas, devem ser lidos com alguma reserva, devido à dimensão reduzida dos participantes no estudo, apenas 37 sujeitos em cada grupo de análise. Por isso, no geral não se verificaram diferenças entre os dois grupos.

Referente à primeira hipótese contrariamente ao esperado, de acordo com a amostra do estudo, podemos considerar que não existem diferenças entre as variáveis da escala do ECR-r em relação ao evitamento à figura paterna, e à ansiedade e evitamento em relação à figura materna tendo como variável o tipo de família. Em relação ao evitamento ao pai, não existem diferenças significativas, embora se verifique uma tendência para o evitamento nas crianças das novas configurações de família. Tendo em conta a distribuição dos agregados monoparentais, e de acordo com o site PORDATA, verifica-se uma grande discrepância entre os agregados monoparentais femininos (84.7%) e agregados monoparentais masculinos. Este resultado pode ser explicado pelo facto de na sociedade portuguesa, predominar um procedimento cultural predominante: após um divórcio os filhos devem ser entregues ao cuidado da mãe (Marinho, 2014).

Em relação à segunda hipótese, de acordo com a amostra podemos considerar que existem diferenças de percentagem, no entanto não são significativas, isto é, não se verificaram diferenças significativas na forma como a criança percebe as práticas parentais em função da configuração familiar.

Usando os valores de percentagem, verificamos que nas novas configurações de família o estilo parental mais reportado é o negligente, seguido pelo permissivo. Nas famílias intactas o mais reportado é o autorizado seguido pelo negligente.

Tendo em conta a amostra de sujeitos que se inseriram num estilo educativo, verificamos que o mais reportado foi o negligente (36.4%). Uma vez que este estilo educativo parental é pautado por baixos índices de responsividade e supervisão, esta situação é desfavorável, já que este estilo se encontra associado a situações de maus-tratos e risco (Ducharme et al., 2006).

Muito próximo, temos o segundo estilo mais reportado, o autorizado (33.3%). Estas crianças e jovens percebem os pais como apresentando alta supervisão e responsividade. De acordo com a literatura os filhos de pais autorizados são mais confiantes e autónomos, apresentam níveis superiores de desenvolvimento sociocognitivo, bem como um nível superior de identificação com os pais em relação a jovens inseridos em agregados com outros estilos educativos (Cruz, 2005).

Em relação à terceira hipótese, não se verificaram diferenças significativas entre os dois grupos, ou seja, na amostra em estudo não se verificaram diferenças de ansiedade, depressão e stress entre as crianças e adolescentes da família tradicional e as crianças e adolescentes das novas configurações de família.

Tendo em conta os resultados descritivos da escala EADS-21, com toda a amostra, em relação à subescala ansiedade, os participantes obtiveram uma média total de 3.64, face a uma possível amplitude de resultados entre 0 e 21 pontos. Esta amostra de participantes apresenta níveis de ansiedade inferiores ao ponto médio da escala (Pinto et al., 2015).

Em relação à subescala depressão, os participantes obtiveram uma média total de 3.97, face a uma possível amplitude de resultados entre 0 e 21 pontos, apontando para níveis de depressão muito inferiores ao ponto médio da escala (Pinto et al., 2015).

Em relação à subescala stress, os participantes obtiveram uma média total de 5.31, face a uma possível amplitude de resultados entre 0 e 21 pontos, apontando novamente para níveis de stress inferiores ao ponto médio da escala. É importante salientar que, apesar dos baixos resultados, o sintoma stress parece ser o mais vivenciado por esta amostra (Pinto et al., 2015).

Estes resultados, no total da amostra, já indicavam o que podíamos esperar quando os grupos fossem comparados, uma vez que os sujeitos já demonstraram baixos níveis de ansiedade, depressão e stress antes da divisão da amostra por grupos.

Conclusões

Ao finalizar este trabalho, será importante analisar e avaliar, os contributos e mais valias para o conhecimento desta área. É relevante realçar também as limitações e dificuldades do estudo, retirando conclusões para estudos futuros.

As dificuldades foram sentidas logo no início do trabalho. O facto de abordar questões íntimas e que a maioria das pessoas considera da esfera privada, como a família, tornou a procura de literatura difícil.

Outra dificuldade diz respeito aos testes utilizados e à sua aplicação. De forma a tornar a amostra o maior e mais abrangente possível, tentamos que a recolha da mesma fosse feita junto de escolas públicas do ensino básico e secundário. Além de todo o tempo gasto em reuniões com Diretores das Escolas, e envio de toda a documentação relativas aos questionários, aprovação dos questionários por parte do Ministério da Educação, este processo foi bastante moroso e ineficaz, sendo impeditiva para uma recolha alargada e diversificada da amostra.

Face às dificuldades e morosidade de acesso à população alvo do estudo, optamos por recolher os questionários através de grupos de catequese e da disciplina de Educação Moral Religiosa e Católica. Os participantes deste estudo eram alunos do ensino básico e secundário residentes no concelho de Oliveira de Azeméis e do Porto.

E ainda, como o a participar no estudo, exigia o consentimento informado do encarregado de educação pelo facto de serem crianças e adolescente dificultou ainda mais a recolha dos dados, pois as crianças muitas vezes iam para a catequese com um familiar, que não era encarregado de educação. Em alguns casos, o facto de os pais estarem divorciados, protegiam-se, recusando participar no preenchimento do questionário.

Estas características e contextos onde ocorreu a recolha de dados podem ser entendidas como limitações, uma vez que não sabemos se estes fatores influenciaram os resultados. O facto de os dados terem sido recolhidos junto de uma amostra maioritariamente cristã, no contexto de catequese e aula de Religião e Moral Católica, e em meio rural poderá ter condicionado a acessibilidade ao grupo das novas configurações de família?

Estudos futuros devem utilizar uma amostra de outra zona do país, para também se perceber se o fator rural, pois cerca de metade da população vive em Oliveira de Azeméis, influencia

ou não o número de casos de novas configurações de família e posteriormente todas as variáveis abordadas.

Uma vez que se optou por uma metodologia quantitativa, foi necessário escolher quais instrumentos iria utilizar. Foi escolhido o QEEP para avaliar os estilos educativos e a escala EADS-21 para avaliar os sintomas de ansiedade e stress experienciados pela criança e adolescente na última semana.

Para avaliar as dimensões da vinculação, utilizou-se a escala ECR-r. Esta escala é bastante repetitiva, extensa, morosa, com questões complexas para o grupo-alvo, o que acabou por desmotivar o seu preenchimento notando-se que os sujeitos responderam aleatoriamente.

Tendo em conta que a média da idade da amostra é de 11 anos, o instrumento QEEP foi validado para a população portuguesa em sujeitos entre os 12 e os 21 anos (Ducharme et al., 2006); a EADS-21 foi adaptado em Portugal a jovens entre os 18 e os 23 anos (Pais-Ribeiro et al., 2004); a escala ECR-r foi adaptado a adolescentes e jovens entre os 14 e os 21 anos (Martins & Coimbra, 2006). Face a esta constatação, e aos resultados deste estudo, questionamos se a escolhas dos instrumentos foram adequadas ao grupo-alvo: crianças e pré-adolescentes.

Uma outra dificuldade com que nos confrontamos, foram os tratamentos estatísticos adequados a uma amostra tão reduzida, em função das múltiplas dimensões que se pretendiam avaliar.

Relativamente aos resultados obtidos, face a uma amostra tão reduzida, não respondem às questões de investigação formuladas a partir da literatura geral. As constantes mudanças sofridas pelo conceito de família, contribuiu para um aumento do número de teorias e análises, mas urge realizar estudos de investigação que confirmem ou infirmem as teorias. Constatou-se que há muitas teorias e concetualizações sobre as transformações da família nas sociedades contemporâneas, mas ainda não existem estudos consistentes que sinalizem as potencialidades e fragilidades destas novas configurações de família face às famílias tradicionais. Porquê? Fica a questão em aberto para novos desafios investigativos.

Para finalizar, salientam-se algumas questões importantes que o estudo deixou em aberto e podendo ser úteis para investigações futuras:

- Reaplicação das escalas em estudos futuros, com uma maior população e adequadas ao nível de desenvolvimento dos participantes;

- Garantir uma amostra mais alargada e diversificada em termos geográficos, culturais, e níveis socioeconómicos e culturais;
- O facto de ter criado uma variável única para todas as novas configurações, pode ter impacto nos resultados. Em próximos estudos sugere-se que se operacionalizem as diversidades de tipologia de novas configurações, por ex. família de divórcio, recasamento, monoparental, união de facto...) para diferenciá-las da família tradicional; sublinhando potencialidades, desafios e fragilidades;
- Seria interessante, também compreender diferenças em função do género, idade, etnia, religião nas suas perceções sobre esta diversidade da realidade da família.

Bibliografia

- Aboim, S. (2003). Evolução das estruturas domésticas.
- Alarcão, A. P. R. M. (2002). *Novas Formas de Família*. Quarteto.
- Andrade, A., & Martins, R. (2016). Funcionalidade familiar e qualidade de vida dos idosos. *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*(40), 185-199-185-199.
- Atalaia, S. (2015). Famílias recompostas em Portugal. Atas do VIII Congresso Português de Sociologia. 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospectivas, área temática Famílias e Curso de Vida,
- Baldwin, A. L., Kalthorn, J., & Breese, F. H. (1945). Patterns of parent behavior. *Psychological Monographs*, 58(3), i.
- Bauman, Z. (2006). *Liquid times: living in an age of uncertainty*. Polity Press.
- Bowlby, J. (1955). (b) The Growth of Independence in the Young Child. *Journal (Royal Society of Health)*, 76(9), 587-591.
- Campos, D., & Cruz, O. (2011). Questionário de estilos parentais (QEP) revisitado. Actas do VIII congresso iberoamericano de avaliação/evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos,
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em estudo*, 8, 45-54.
- Clark, L. A., & Watson, D. (1991). Tripartite model of anxiety and depression: psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of abnormal psychology*, 100(3), 316.
- Costa, M. F. G. P. d. (2020). *Efeitos da Estrutura Familiar nas Experiências e Representações Psicossociais dos Jovens* [Tese de Doutoramento, Universidade do Porto].
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- de Sousa, M. M., & Sarmiento, T. (2010). Escola–família–comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e desenvolvimento*(17-18), 141-156.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Ducharne, M. A. B., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de estilos educativos parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, 5(1), 63-75.

- Durbin, D. L., Darling, N., Steinberg, L., & Brown, B. B. (1993). Parenting style and peer group membership among European-American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 3(1), 87-100.
- Fernandes, I. A. S. (2012). Delinquência juvenil: vinculação aos pais e educação parental.
- Gonçalves, C. M. (1994). A família como sistema de relações investidas. *Revista de Espiritualidade*, 8, 245-272.
- Marinho, S. (2014a). Famílias Monoparentais em Portugal: linhas de continuidade e de Transformação nas duas últimas décadas. Actas do VII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas,
- Marinho, S. (2014b). Famílias monoparentais: linhas de continuidade e de mudança. *Famílias nos censos 2011: diversidade e mudança*, 177-195.
- Martins, A. (2010). Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. *Factores Que Contribuem Para Uma Melhor Adaptação. Implicações Médico-Legais, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto*.
- Matos, M. G. d., Leandro, A., Machado, M. d. C., Leal, I., Vilar, D., Gonçalves, C., Moreno Rodríguez, M. d. C., & Löhr, S. S. (2015). Novas e antigas dinâmicas familiares: Influência no bem-estar dos adolescentes e seus cuidadores. *Psicologia da Criança e do Adolescente*, 6 (1), 15-34.
- Morgado, A. M. (2010). *Estrutura e relações familiares: implicações para o desenvolvimento da socialização*
- Mota, C. P. (2008). Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas.
- Pais-Ribeiro, J. L., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, saúde & doenças*, 5(2), 229-239.
- Pinto, J. C., Martins, P., Pinheiro, T. B., & Oliveira, A. C. (2015). Ansiedade, depressão e stresse: um estudo com jovens adultos e adultos portugueses. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 16(2), 148-163.
- PORDATA.
<https://www.pordata.pt/Municipios/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+total+e+por+tipo+de+composi%C3%A7%C3%A3o-825>
- Rosa, M. (2015). Das famílias aos agregados domésticos a partir dos factos. *FERNANDES, OM; MAIA, C.(Coords.). A família portuguesa no século*, 21, 29-37.

- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Edições Afrontamento.
- Santos, F. (2011). Perfis de coabitação em Portugal. *Forum Sociológico*. Série II,
- Schimanski, E. (2013). Família, gênero e novas configurações familiares: um olhar sobre a mulher ea condição de pobreza. *Revista Magistro*, 2(8).
- Silva, N. F. F. (2014). *Teoria da Vinculação* [Tese de Mestrado em Medicina, Universidade do Porto]. <https://hdl.handle.net/10216/73037>
- Simões, S. C. C. (2011). Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família.
- Valentim de Sousa, D. H. A., & Dias, C. M. d. S. B. (2014). Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31, 191-201.

Anexos

Consentimento Informado

Eu, _____
encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____

_____ autorizo / não autorizo o meu educando a participar no estudo da autoria de Catarina Resende Bastos, mestranda da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, na área da Psicologia Clínica e da Saúde.

O principal objetivo deste estudo centra-se em perceber se existem diferenças e, caso estas existam, em que domínios, entre as crianças com uma família “tradicional” e as crianças com famílias que se inserem nas “novas configurações de família”.

Por conseguinte é necessário o preenchimento de questionários, sobre os dados sociodemográficos, o auto conceito académico, as relações de vinculação, a ansiedade e sobre as práticas educativas.

Todas as informações recolhidas são confidenciais e utilizadas apenas para fins de investigação, não sendo divulgados quaisquer resultados.

Assinatura

Data ____/____/____

Recolha de dados

Questionários

Isto não é um teste por isso não há boas nem más respostas, sendo que todos poderão responder de forma diferente.

Faz com que as tuas respostas demonstrem o que sentes acerca de ti próprio(a).

Tenta ser o mais sincero(a) possível. Por favor não comentes as tuas respostas com os outros. Só interessa a tua opinião.

Não há limite de tempo, no entanto não te demores muito em cada frase.

Este questionário é confidencial: não mostraremos as tuas respostas a ninguém.

Questionário Sócio Demográfico

Nº _____

Data de Nascimento: __/__/____

Idade: ____ (anos)

Ano de escolaridade: ____

Localidade em que vives: _____

2. Género:

Masculino Feminino

3. Estado Civil dos teus pais:

Solteiro (a) Casado (a) (há quanto tempo: _____) Divorciado (a)
(há quanto tempo: _____) União de Facto (há quanto tempo: _____)
 Viúvo (a) (há quanto tempo: _____) Outro: _____

4. Grau/nível de escolaridade dos teus pais:

	Pai	Mãe
1º Ciclo do Ensino Básico (4ºano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo do Ensino Básico (6ºano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo do Ensino Básico (9ºano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (12ºano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro: _____		

5. Idade dos teus pais:

Pai: ____ anos Mãe: ____ anos

6. Profissão atual dos teus pais:

Pai: _____

Mãe: _____

7. Situação profissional dos teus pais

	Pai	Mãe
À procura do 1º emprego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empregado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desempregado (a) de curta duração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desempregado (a) de longa duração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Inválido (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reformado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro: _____		

8. Já reprovaste alguma vez? Sim Não

Se **sim**, quantas vezes? _____

Em que anos de escolaridade? _____

9. No último período do ano passado, quantas negativas tiveste? _____

E neste período? _____

10. No último período do ano passado, quais foram as tuas notas a:

Português _____ Matemática _____

E neste período?

Português _____ Matemática _____

11. Após a conclusão do 9º ano, indica o que pretendes realizar:

- Pretendes fazer o 12º ano através de um curso profissional
- Pretendes fazer o 12º ano e deixar de estudar
- Pretendes fazer o 12º ano e depois seguir para um curso superior

12. No momento presente, que profissão gostarias de exercer na tua vida adulta?

ECR*

Responde numa escala de 1 a 6 (em que 1 corresponde a “Não concordo nada” e 6 a “Concordo totalmente”), assinalando com uma cruz o número que indica o teu grau de acordo ou desacordo em relação à frase. As tuas respostas terão em consideração duas figuras diferentes separadamente: a) pai ou pessoa que mais associas à figura paterna; b) mãe ou pessoa que mais associas à figura materna.

a) Pai ou pessoa que mais associas à figura paterna:

	Discordo totalmente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo totalmente
1. Tenho medo de perder o amor desta pessoa.	1	2	3	4	5	6
2. Preocupo-me com frequência que esta pessoa me abandone.	1	2	3	4	5	6
3. Preocupo-me com frequência que esta pessoa não goste realmente de mim.	1	2	3	4	5	6
4. Preocupo-me que esta pessoa não goste de mim tanto quanto eu gosto dela.	1	2	3	4	5	6
5. Desejo com frequência que os sentimentos desta pessoa sejam tão fortes como os meus por ela.	1	2	3	4	5	6
6. Quando não estou com essa pessoa, preocupo-me com a eventualidade de ele se interessar por outra mais do que por mim.	1	2	3	4	5	6
7. Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio(a).	1	2	3	4	5	6
8. Eu acho que esta pessoa não se aproxima de mim tanto quanto eu desejaria.	1	2	3	4	5	6
9. Às vezes, esta pessoa muda os sentimentos dela acerca de mim sem razão aparente.	1	2	3	4	5	6
10. O meu desejo de estar muito próximo às vezes afugenta essa pessoa.	1	2	3	4	5	6
11. Tenho receio que, a partir do momento em que esta pessoa me conheça realmente, ela não vá gostar de quem sou.	1	2	3	4	5	6
12. Prefiro não demonstrar a esta pessoa como realmente me sinto.	1	2	3	4	5	6
13. Frequentemente falo sobre os meus problemas e preocupações com esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
14. Em alturas difíceis, é útil recorrer a esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
15. Eu conto quase tudo a esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
16. É-me confortável contar com esta pessoa	1	2	3	4	5	6
17. É-me fácil contar com esta pessoa.	1	2	3	4	5	6

18. É-me fácil ser afetuoso(a) com esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

b) Mãe ou pessoa que mais associa à figura materna:

	Discordo totalmente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo totalmente
1. Tenho medo de perder o amor desta pessoa.	1	2	3	4	5	6
2. Preocupo-me com frequência que esta pessoa me abandone.	1	2	3	4	5	6
3. Preocupo-me com frequência que esta pessoa não goste realmente de mim.	1	2	3	4	5	6
4. Preocupo-me que esta pessoa não goste de mim tanto quanto eu gosto dela.	1	2	3	4	5	6
5. Desejo com frequência que os sentimentos desta pessoa sejam tão fortes como os meus por ela.	1	2	3	4	5	6
6. Quando não estou com essa pessoa, preocupo-me com a eventualidade de ele se interessar por outra mais do que por mim.	1	2	3	4	5	6
7. Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio(a).	1	2	3	4	5	6
8. Eu acho que esta pessoa não se aproxima de mim tanto quanto eu desejaria.	1	2	3	4	5	6
9. Às vezes, esta pessoa muda os sentimentos dela acerca de mim sem razão aparente.	1	2	3	4	5	6
10. O meu desejo de estar muito próximo às vezes afugenta essa pessoa.	1	2	3	4	5	6
11. Tenho receio que, a partir do momento em que esta pessoa me conheça realmente, ela não vá gostar de quem sou.	1	2	3	4	5	6
12. Prefiro não demonstrar a esta pessoa como realmente me sinto.	1	2	3	4	5	6
13. Frequentemente falo sobre os meus problemas e preocupações com esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
14. Em alturas difíceis, é útil recorrer a esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
15. Eu conto quase tudo a esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
16. É-me confortável contar com esta pessoa	1	2	3	4	5	6
17. É-me fácil contar com esta pessoa.	1	2	3	4	5	6
18. É-me fácil ser afetuoso(a) com esta pessoa.	1	2	3	4	5	6

*Versão portuguesa reduzida - (Martins & Coimbra, 2006)

QEEP**

Para cada uma das afirmações que se seguem, assinala com uma cruz a coluna que melhor traduz o que se passa contigo.

	Discordo totalmente	Não concordo	Concordo	Concordo totalmente
1a. Posso contar com o meu Pai para me ajudar se eu tiver algum problema.				
2a. O meu Pai incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça.				
3a. O meu Pai incita-me a pensar pela minha cabeça.				
4a. O meu Pai ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda.				
5a. Quando o meu Pai pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê.				
1b. Posso contar com a minha Mãe para me ajudar se eu tiver algum problema.				
2b. A Minha Mãe incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça.				
3b. A minha Mãe incita-me a pensar pela minha cabeça.				
4b. A minha Mãe ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda.				
5b. Quando a minha Mãe pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê.				

Às questões que se seguem deves responder, assinalando a coluna correspondente à frequência com que ocorrem.

	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
6. Quando tens uma má nota na escola com que frequência os teus pais te encorajam para melhorar?				
7. Quando tens uma boa nota na escola com que frequência os teus pais te elogiam?				

Com que frequência é que estas coisas acontecem na tua família?

	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
8. Os meus pais passam algum tempo só a conversar comigo.				
9. A minha família faz qualquer coisa divertida em conjunto.				

Até que ponto os teus pais TENTAM saber:
Responde assinalando a coluna que melhor se aplica a ti:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
10. Quem são os teus amigos.				
11. Onde vais quando saís à noite.				
12. O que fazes nos teus tempos livres.				
13. Onde estás de tarde quando saís da escola.				
14. Como gastas o teu dinheiro.				

Até que ponto os teus pais REALMENTE sabem:
Responde assinalando a coluna que melhor se aplica a ti:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
15. Quem são os teus amigos.				
16. Onde vais quando saís à noite.				
17. O que fazes nos teus tempos livres.				
18. Onde estás de tarde quando saís da escola.				
19. Como gastas o teu dinheiro.				

**Adaptado por Barbosa-Ducharme, Cruz, Marinho & Grande (2006), a partir das *Parenting Scales* de Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch (1991)

EADS-21***

Para cada uma das afirmações abaixo, assinala **0, 1, 2 ou 3** para indicar quanto cada afirmação se aplicou a ti *durante a semana passada*.

Não leves muito tempo a indicar a tua resposta em cada afirmação.

	Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte das vezes
1. Tive dificuldade em me acalmar.	0	1	2	3
2. Senti a minha boca seca.	0	1	2	3
3. Não consegui sentir nenhum sentimento positivo.	0	1	2	3
4. Senti dificuldade em respirar.	0	1	2	3
5. Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas.	0	1	2	3
6. Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações.	0	1	2	3
7. Senti tremores (por ex., nas mãos).	0	1	2	3
8. Senti que estava a utilizar muita energia nervosa.	0	1	2	3
9. Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula.	0	1	2	3
10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro.	0	1	2	3
11. Dei por mim a ficar agitado/a.	0	1	2	3
12. Senti dificuldade em me relaxar.	0	1	2	3
13. Senti-me desanimado e melancólico.	0	1	2	3
14. Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer.	0	1	2	3
15. Senti-me quase a entrar em pânico.	0	1	2	3
16. Não fui capaz de ter entusiasmo por nada.	0	1	2	3
17. Senti que não tinha muito valor como pessoa.	0	1	2	3
18. Senti por vezes que estava sensível.	0	1	2	3
19. Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico.	0	1	2	3
20. Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso.	0	1	2	3
21. Senti que a vida não tinha sentido.	0	1	2	3

***Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (cads) de 21 itens de lovibond e lovibond. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (2), 229-239